

# O ENSINO HÍBRIDO NO ENSINO SUPERIOR: CONTINGÊNCIAS A PARTIR DA PANDEMIA

## HYBRID EDUCATION IN HIGHER EDUCATION: CONTINGENCIES FROM THE PANDEMIC

Vinícius Barbosa Cannavô 1  
Adilson Cristiano Habowski 2  
Tainá Suppi Pinto 3

**Resumo:** Este ensaio, de abordagem hermenêutica, discorre acerca do ensino híbrido como alternativa flexível para Educação Superior enquanto contingência a partir do isolamento social causado pelo Novo Coronavírus (Covid-19). O ensino híbrido está concatenado a uma série de desafios, que delineamos neste ensaio sob as seguintes perspectivas: (a) o ensino híbrido como alternativa flexível; e (b) a função do docente do Ensino Superior no século XXI e as tecnologias digitais. A universidade necessita adaptar-se aos moldes atuais da sociedade sem renunciar a arquétipos consolidados da educação. As alternativas propostas devem ser (re)avaliadas constantemente com o intuito de problematizar o cenário do Ensino Superior a partir das contingências da pandemia. Concluimos que é necessário estarmos atentos aos dados e discussões que são divulgados bem como propor investigações que enriqueçam as discussões acerca dos sujeitos interpelados na sociedade e com a noção de Ensino Superior possível e adaptável ao tempo específico.

**Palavras-chave:** Ensino Superior. Ensino Híbrido. Pandemia. Coronavírus.

**Abstract:** This essay, with a hermeneutic approach, discusses hybrid education as a flexible alternative to Higher Education as a contingency from the social isolation caused by the New Coronavirus (COVID-19). Blended learning is linked to a series of challenges, which we outline in this essay from the following perspectives: (a) blended learning as a flexible alternative; and (b) the role of higher education teachers in the 21st century and digital technologies. The university needs to adapt to the current molds of society without renouncing the consolidated archetypes of education. The proposed alternatives must be constantly (re)evaluated in order to problematize the Higher Education scenario based on the contingencies of the pandemic. We conclude that it is necessary to be attentive to the data and discussions that are disclosed as well as to propose investigations that enrich the discussions about the subjects questioned in society and with the notion of Higher Education possible and adaptable to the specific time.

**Keywords:** University education. Blended Learning. Pandemic. Coronavirus.

- 
- 1 Teólogo pela Universidade La Salle. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2458639007844415>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7030-0349>. E-mail: [viniciuscannavo13@gmail.com](mailto:viniciuscannavo13@gmail.com)
  - 2 Teólogo pela Universidade La Salle. Mestre em Educação pela Universidade La Salle. Doutorando em Educação pela Universidade La Salle. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2627205889047749>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5378-7981>. E-mail: [adilsonhabowski@hotmail.com](mailto:adilsonhabowski@hotmail.com)
  - 3 Sanitarista pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4878084130845671>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7841-5861>. E-mail: [tainasuppi@gmail.com](mailto:tainasuppi@gmail.com)

## Introdução

Em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, região central da China, registrou-se os primeiros casos de pessoas acometidos por problemas respiratórios graves causada por um Novo coronavírus até então desconhecido, sendo denominado temporariamente de *novo Coronavirus 2019 (nCoV-19)*. Convocado para definir a nomenclatura oficial desse microrganismo o *International Committee on Taxonomy of Viruses*, decidiu que o nome deste novo coronavírus seria *Severe Acute Respiratory Syndrome – Related Coronavirus 2 (SARS-CoV-2)* (DUARTE; QUINTANA, 2020). No início de fevereiro de 2020, a *World Health Organization (WHO)* definiu a nomenclatura oficial para a doença causado por este vírus como *Coronavirus Disease-2019 (Covid-19)*. A acelerada disseminação da doença (*Coronavirus Disease 2019 – Covid-19*), em nível global, fez com que a *World Health Organization* a compreendesse uma pandemia.

Enquanto meio para desacelerar a transmissão do Novo Coronavírus (Covid-19), diferentes nações por meio de políticas públicas procuraram implementar o isolamento social indicado pela *World Health Organization (WHO)*, com restrições na oferta de diversos serviços para evitar aglomerações de pessoas. Do mesmo modo, houve a suspensão das atividades educacionais presenciais nas instituições de Educação Básica e Ensino Superior, alterando a organização educacional elaborada para o semestre, bem como para o ano letivo inteiro, sem garantias para a volta às aulas nem sequer uma projeção confiável.

No contexto brasileiro, o Ministério da Educação (MEC) primeiramente publicou a Portaria nº 343 (17/03/2020) que trata da substituição das aulas presenciais pela realização de aulas em meios digitais enquanto houver o isolamento ocasionado pela pandemia da Covid-19. Com a publicação da portaria, as escolas e as universidades tiveram que se adequar rapidamente e construir novas formas de relacionar educação e sujeitos por meio de outras pontes, sendo na maioria das vezes as tecnologias digitais o recurso utilizado, das mais variadas formas, mesmo que, por vezes, de forma precarizada tanto no uso do professor quanto do aluno. Logo, os recursos tecnológicos foram o meio encontrado para que fosse possível o acontecimento das aulas, passando a serem oferecidas de forma remota, sobretudo pelas escolas e universidades particulares, para manter de alguma forma os processos de ensino, pesquisa e extensão.

No contexto da educação pública, o acesso à educação remota é precário, onde até o final de 2020 muitas escolas e universidades públicas precisaram superar diversos obstáculos para a ocorrência das aulas. Questões relativas a exclusão digital estão diretamente ligadas a exclusão social, pois pessoas que não tinham acesso aos bens de consumo antes da pandemia continuam não possuindo durante o tempo de isolamento social. Aqui no referimos a internet e artefatos digitais, como *tablets*, *notebooks*, celulares e computadores, que são as formais mais usuais de acesso as aulas. Aliás, vale ressaltar que este cenário se agravou mais ainda com uma maior flexibilização e precarização do trabalho, com o aumento do desemprego e da inflação, com a crise econômica e política no cenário brasileiro, processos esses que não estão dissociados da educação.

O acesso à internet e as tecnologias digitais tem sido a grande pauta de discussão das comunidades educativas de escolas públicas e dos municípios com o intuito de viabilizar o acesso mínimo a estes estudantes para que não percam as aulas. Por outro lado, os ambientes educativos de escolas e universidades particulares, de modo geral, têm conseguido manter uma composição de aula parecida, a nível de conteúdo programático aos seus alunos, bem como, em relação ao acesso as aulas, por pertencerem a extratos sociais mais altos, grande parte desses alunos tem o seu acesso garantido. Vale ressaltar que muitas escolas e universidades já retornaram às aulas, porém com um número extremamente reduzido de alunos, principalmente na educação básica e anos iniciais. No que tange o Ensino Superior, o número de pessoas que estão frequentando as aulas presencialmente aumenta consideravelmente se comparado com as crianças. Por outro lado, aspectos econômicos têm influenciado no trancamento de semestre letivo nas universidades por partes dos alunos.

A partir do compartilhamento de conhecimentos e ideias em torno do universo das experiências formativas recentes e das aulas remotas durante o isolamento social, seria possível conjecturar discussões acerca das contingências educativas que emergem à superfície da nossa realidade cotidiana de inserção no campo da educação, evidenciando necessidades, intermitências,

enfoques e deslocamentos, que nos trouxeram novos desafios, nos exigindo respostas rápidas e eficazes para a adaptação, ao que muitos vem chamado de “novo normal”, e que poderíamos entender também como uma contingência do mundo contemporâneo. Muitos são os caminhos reflexivos possíveis para um problema tão urgente e atual que este contexto nos possibilita tencionar. Não temos a pretensão de apresentar uma perspectiva fechada ou uma solução para os problemas educativos em meio a pandemia. Ousemos na escrita desse ensaio como sujeitos que estão aqui e agora, vivendo e aprendendo com a pandemia, com o isolamento social e com a educação.

O ensaio tem seu alicerce na abordagem hermenêutica voltada para a compreensão das contradições presentes nos textos e discursos, num processo cooperativo voltado para o diálogo com as diferenças, as produções culturais e as experiências humanas no mundo. Segundo Habermas (1994, p. 222), compreensão hermenêutica se endereça por sua mesma estrutura a garantir, dentro das tradições culturais, a auto compreensão possível dos indivíduos e dos grupos, que oriente a ação, e uma compreensão recíproca entre os indivíduos e os grupos com tradições culturais distintas.

A postura hermenêutica é a própria fusão de horizontes interpretativos onde as tradições culturais se reconhecem mutuamente, propondo-se, justamente, conforme as premissas básicas para o encontro e diálogo hermenêutico. “O esforço hermenêutico almeja a apropriação de sentido, presente em cada momento uma voz silenciada que deve ser novamente despertada para a vida” (HABERMAS, 1994, p. 351).

A busca pela humanização das relações intersubjetivas implica o empenho não violento em busca da liberdade cooperativa que nos constitui no encontro com o diferente. Para Hermann (2002, p. 83), a hermenêutica possibilita “que a educação torne esclarecida para si mesma suas próprias bases de justificação, por meio do debate a respeito das racionalidades que atuam no fazer pedagógico”. Assim, a educação pode interpretar o seu próprio modo de ser, em suas múltiplas diferenças e contextos. A linguagem torna-se alicerce para a construção do conhecimento recíproco, uma vez que os debates educativos necessitam de uma abertura para pensar a sensibilidade e a diferença para a compreensão dos problemas que envolvem a sociedade emergente.

Deste modo, o artigo está estruturado da seguinte forma: na primeira parte, tratamos sobre algumas características do contexto específico do Ensino Superior, trazendo dados e autores que discutem o ensino híbrido como uma alternativa flexível aos moldes do nosso tempo. Na sequência, realizamos uma breve contextualização acerca da pandemia e do isolamento social que estamos vivenciando e das problemáticas norteadoras relacionadas o Ensino Superior no Brasil. E por fim, fazemos algumas considerações breves, deixando em aberto o futuro que nos aguarda, ainda durante a pandemia, mas também depois.

## **O Ensino Híbrido: algumas considerações**

A estrutura universitária vem se modificando conforme o espaço e o tempo de inserção. Sobre o espaço, nos delimitamos aos limites da fronteira brasileira neste ensaio, e em relação ao tempo, nos propomos a pensar o cenário do Ensino Superior na contemporaneidade. O enfoque dado é sobre a modalidade de ensino híbrido como alternativa flexível na abrangência total da comunidade educativa (gestores, professores, funcionários, alunos, sociedade), dando enfoque ao docente em um dos capítulos. Para refletirmos acerca do sistema de Ensino Superior, precisamos compreender como são os estudantes que recebemos em nossas salas de aula hoje, bem como os sujeitos que participam da construção e do funcionamento do Ensino Superior. Não temos a pretensão de esquadrihar identidades estudantis, mas de buscar um fio condutor para nos situarmos às necessidades atuais. Que tipo de aluno estamos recebendo nas salas de aulas hoje? Que tipo de docente estamos formando para atuar no Ensino Superior? A partir disso, a noção de

modernidade líquida nos auxilia na compreensão temporal e se torna primordial para a universidade se situar e articular rumos, enfoques e deslocamentos a partir de sua organização estruturante:

O derretimento dos sólidos, traço permanente da modernidade, adquiriu, portanto, um novo sentido, e, mais que tudo, foi redirecionado a um novo alvo, e um dos principais efeitos desse redirecionamento foi a dissolução das forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e do sistema na agenda política. Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluída, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro (BAUMAN, 2001. p. 12).

A forma como o tempo e o espaço são delineados hodiernamente já não permite mais organizar tipologias para o perfil das gerações atuais e muito menos projetar coesões identitárias fixas, pois as narrativas são pouco rigorosas. Hoje, os indivíduos são transitórios, disjuntivos e fragmentados, sendo frutos das contingências históricas do tempo, sendo produzido no seio da cultura (SILVA, 2017). Os muitos significados possíveis incorporados pela identidade dos sujeitos deslocam-se entre territórios instáveis, por isso “não existe mais (se é que alguma vez existiu - um ‘acima’, mas um ‘através de’ - ou melhor, muitos ‘através’: atravessar os segmentos, as parcialidades, os fragmentos do eu e do outro. Transitar entre os ‘eus’ e os outros” (CANEVACCI, 2005, p. 19). Não há um perfil específico de aluno ingressante no Ensino Superior, porém há inúmeras particularidades que o constituem e o singularizam em um indivíduo homogêneo. Também, ressaltamos que mesmo em meio a fragmentos, existem padrões de comportamento e interesses analisáveis, como: a utilização das tecnologias e mídias digitais bem como o acesso desenfreado a internet, que nos interessam aqui como recurso analítico. No Brasil, regulamentou-se a oferta de ensino nas instituições de Ensino Superior com a portaria n.º 4.059, de 10 de dezembro de 2004:

As instituições de ensino superior poderão introduzir, na organização pedagógica e curricular de seus cursos superiores reconhecidos, a oferta de disciplinas integrantes do currículo que utilizem modalidade semi-presencial, com base no art. 81 da Lei n. 9.394, de 1.996, e no disposto nesta Portaria. [...] § 1 - Para fins desta Portaria, caracteriza-se a modalidade semi-presencial como quaisquer atividades didáticas, módulos ou unidades de ensino-aprendizagem centrados na auto-aprendizagem e com a mediação de recursos didáticos organizados em diferentes suportes de informação que utilizem tecnologias de comunicação remota. [...] § 2 - Poderão ser ofertadas as disciplinas referidas no caput, integral ou parcialmente, desde que esta oferta não ultrapasse 20 % (vinte por cento) da carga horária total do curso (BRASIL, 2004, art. 1º).

Não é possível projetar um cenário para o Ensino Superior no Brasil sem incorporar as tecnologias digitais, o que podemos fazer é uma análise de conjuntura do que já temos como dados em pesquisas produzidas para abarcar da melhor forma possível os estudantes (e o acesso ao Ensino Superior), pois estamos inseridos em um mundo cada vez mais digital de hiperconexões. Segundo os dados do IBGE de 2016, 64,7% dos brasileiros possuem acesso à internet, atingindo cerca de 116 milhões de pessoas; em relação a faixa etária, entre 18 e 24 anos, 85% estão conectados; por

nível de instrução, 97,1% das pessoas com nível superior incompleto possuem acesso à internet e, com superior completo, 95,7%. Esses dados sustentam o argumento de que o Ensino Superior precisa estar atrelado, cada vez mais, com as tecnologias digitais, em concordância com os nativos digitais e com atenção para as inovações pedagógicas implementadas pelas universidades ao redor do mundo. Isso não implica transformar o ensino superior em EaD, mas buscar uma relação de equilíbrio em todas as esferas. Os artefatos digitais tornaram-se meios de interação e comunicação de uma geração que mantém contato com o mundo cibernético e tecnológico desde os primeiros anos de vida. Tapscott (1997) em sua obra *Growing Up Digital*, expõe que no tempo em que vivemos, é da geração da internet e das mídias digitais e isso faz com que as tecnologias digitais se tornem uma espécie de extensão dos corpos dos sujeitos. Entendendo a tecnologia digital como indissociável da pessoa, como o Ensino Superior pode adaptar-se de forma autêntica e benéfica a estes artefatos sem renunciar a as relações humanas e ao encontro?

Para a universidade, é impreterível a aproximação dos mecanismos de interação humana aos artefatos tecnológicos, garantindo uma educação coesa com o tempo em que vivemos. A gestão e a pedagogia devem reavaliar os currículos, as abordagens metodológicas, os processos de ensino, a formação dos professores, a infraestrutura, a gestão de recursos, a organização da pesquisa e da extensão conectando e adaptando a universidade ao aluno e ao mundo. Não se trata de curvar-se aos “encantamentos” do mercado, que clama por inovação e tecnologia o tempo todo, mas se situar no tempo e espaço atual, que está cada vez mais concatenando a vida cotidiana, lúdica e corriqueira com as tecnologias digitais. Na verdade,

A educação é Híbrida também porque acontece no contexto de uma sociedade imperfeita, contraditória em suas políticas e em seus modelos, entre os ideais afirmados e as práticas efetivadas; muitas das competências socio-emocionais e valores apregoados não são coerentes com o comportamento cotidiano de uma parte dos gestores, docentes, alunos e famílias (BACHIC; TANZI NETO; TREVISANI, 2015. p. 26).

A partir disso, sob a ótica das modalidades do Ensino Superior, o modelo de ensino híbrido se apresenta como possível enfoque das universidades para os próximos anos, sobretudo as do setor privado. Hoje, nas universidades brasileiras preponderam três modalidades: 1) o sistema tradicional-presencial, baseado em aulas presenciais pode ter até 20% do currículo a distância e possui como vantagem a inserção no campus e a proximidade com o professor e com os colegas, estimulando as relações interpessoais e a iminência com as problemáticas do conteúdo. A maior desvantagem é a estrutura sólida e pouco maleável que obriga o aluno a frequentar a aula em horários fixo; 2) o sistema EaD, baseado em aulas on-line viabiliza a flexibilização dos estudos, a comodidade do estudante e a redução de gastos, porém, possui como desvantagem aquilo já assinalado como vantagem do sistema tradicional-presencial; 3) o sistema de ensino híbrido, defendido como possibilidade futura adequada, flexível e sustentável, que será melhor explanado ao decorrer deste artigo.

A noção de modernidade líquida (BAUMAN, 2001) e seus desdobramentos estão ancorados em muitos fenômenos que provém da complexidade dos processos da globalização, sobretudo, das tecnologias digitais e das subjetivações dos sujeitos que se posicionam no presente, que articulam resoluções, significações, transformações e alternativas para o Ensino Superior, bem como os próprios estudantes que estão sendo formados e se formando por essas universidades. Vale salientar, apesar de não nos aprofundarmos nessa discussão, que os processos de hibridação são cada vez mais comuns na era da globalização. Os choques de culturas abrem espaço para a proliferação de modos singulares de ser, em relação aos sujeitos, e de fazer, em relação aos processos. O autor Néstor García Canclini (2008, p.19) entende como “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existem de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”.

O conceito de hibridação é útil em algumas pesquisas para abranger conjuntamente contatos interculturais que costumam receber nomes diferentes: as fusões raciais ou étnicas denominadas mestiçagens, o sincretismo de crenças e também outras misturas modernas entre o artesanal e o industrial, o culto e o popular, o escrito e o visual nas mensagens midiáticas [...]. A mistura de colonizadores espanhóis e portugueses, depois de ingleses e franceses, com indígenas americanos, à qual se acrescentaram escravos trasladados da África, tornou a mestiçagem um processo fundacional nas sociedades do chamado Novo Mundo (CANCLINI, 2008, p. 27).

O ensino híbrido é uma fusão da modalidade presencial com o ensino a distância. As aproximações entre o ensino presencial e o virtual tem se constituído temática de estudo em âmbito mundial e se consolidado como uma das configurações mais significativa da educação no século XXI, de modo que “as tendências mais fortes indicam para o desenvolvimento de modelos institucionais ‘mistos’ ou ‘integrados’ por meio dos quais as instituições convencionais de ensino superior ampliarão seus efetivos e diversificarão suas ofertas” (BELLONI, 2012, p. 117). No Brasil, as práticas de *blended learning* (*b-learning*) ou ensino híbrido também, são chamadas de ensino semipresencial, misto ou bimodal.

De acordo com Moran (2015, p. 39), o ensino híbrido agrega as atividades da sala de aula com as digitais, as presenciais com as virtuais, de modo que “o que a tecnologia traz hoje é a integração de todos os espaços e tempos”, sendo que “o ensinar e o aprender acontecem em uma interligação simbiótica, profunda e constante entre os chamados mundo físico e digital” (MORAN, 2015, p. 39). A modalidade híbrida deve ser pensada na lógica da complementação de modelos e não de maneira dissociada, ou seja, uma simples dicotomia prática entre aulas virtuais e aulas presenciais é, no mínimo, uma deturpação do que alguns pensadores vem articulando em suas discussões e alguns professores vem aplicando em suas salas de aulas. Para que a tarefa do ensino híbrido seja executada com sucesso, existe a necessidade de um forte planejamento estratégico alinhado com dados atuais e projeções que interpelem uma série de itens.

No caso do *blended learning* o conteúdo e as instruções devem ser elaborados especificamente para a disciplina ao invés de usar qualquer material que o aluno acessa na internet. Além disso, a parte presencial deve necessariamente contar com a supervisão do professor, valorizar as interações interpessoais e ser complementar as atividades on-line, proporcionando um processo de ensino e de aprendizagem mais eficiente, interessante e personalizado (VALENTE, 2014, p. 84).

O método híbrido visa fortalecer os pontos fortes do EaD e do sistema presencial bem como buscar alternativas para supressão dos pontos negativos de ambos. Este conceito de educação “tem como característica a utilização de soluções mistas, fazendo uso de diversos métodos para facilitar o aprendizado, garantir a colaboração entre os estudantes e permitir a criação e troca de conhecimentos” (CHAVES FILHO, *et al.*, 2006, p.84 apud RODRIGUES,2010). Acreditamos que este modelo seja uma estratégia de união entre as exigências contemporâneas e a gestão do conhecimento.

A flexibilidade do ensino híbrido perpassa substancialmente muito mais o *como* (metodologia) e bem menos o *quê* (conteúdo programático). Os alunos, com tecnologias digitais ou sem elas, sempre articularam saberes e conhecimento através de debates, interações, leituras, experiências, práticas etc., porém, a condução metodológica foi-se moldando conforme o tempo. Hoje, com uma maior acessibilidade aos meios digitais, muitos grupos e estratificações sociais, já

optam pelo ensino a distância ou *blended learning*<sup>1</sup> por ser mais prático, flexível e econômico. Por isso,

O tempo de aula não mais é definido como no método tradicional. Os alunos podem acessar conteúdo, participar de grupos de discussão e resolver problemas ou treinar habilidades importantes ao seu aprendizado de qualquer lugar, a qualquer momento, desfrutando de uma experiência de aprendizagem intensiva e autônoma (NETO, 2017, p. 69).

Se pararmos para analisar o contexto da educação, perceberemos que a educação sempre ocorreu de maneira híbrida, onde uma série de espaços e sujeitos operam nos processos educativos, ou seja, a educação nunca se limitou a sala de aula durante o período de determinada disciplina. Existem outros “parceiros” e outros espaços, se assim pudermos chamar, que fazem parte desse processo: os pais que auxiliam os seus filhos, o local de moradia, onde as atividades passadas pelos professores são realizadas, mesmo nos momentos lúdicos e de lazer, como o recreio, a brincadeira de rua, os parques. Hoje, especificando na relação com as tecnologias digitais, com a mobilidade e a conectividade, essa abordagem é muito mais perceptível, ampla e profunda: trata-se de um ecossistema mais aberto e criativo (BACICH; MORAN, 2015. p. 45).

As tecnologias armazenam e processam informações, mas ainda não são instrumentos de transformação por si, porque não são pensadas para acolher a multiplicidade de sujeitos e interpretações de conhecimentos, bem como dependem das relações dialógicas para o avanço ou retrocesso dos saberes. Os caminhos indicam a necessidade de repensar a tarefa de ensinar, tendo como preocupação a questão a adaptação ao contexto digital, para que possamos dar sentido à práxis pedagógica e à racionalidade aprendente, no quadro de desorientação e desagregação da atualidade. O próprio aprender é diverso e difícil de capturar a ponto de termos controle sobre o *aprendente* ou sobre o método, pois não há uma metodologia de aprendizagem ou de apreensão do conhecimento “não há métodos para encontrar tesouros do mesmo modo que não há métodos para se aprender” (DELEUZE, 2006, p. 237).

A educação na cultura digital precisa estar aberta para repensar e (re)aprender como condição ao questionamento tecnológico dos paradoxos da realidade, além de estar em sintonia com a pluralidade da cultura digital, que provoca e abre caminho para outras formas de pensar acerca da questão, potencializando as interrogações e desdobramentos do ponto de vista social, ético e político da autoridade pedagógica como possibilidade à formação humana.

## **O Ensino Híbrido no Ensino Superior: contingências a partir da pandemia**

O distanciamento social colocou em discussão sobre a continuidade do trabalho educacional com os estudantes na Educação Básica e Ensino Superior. Deste modo, o Conselho Nacional de Educação (CNE) aprovou o Parecer N°5/2020 que trata da reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual. Os recursos tecnológicos acabaram se tornando meios para pensar situações de aprendizagem, de interação e convivência em sala de aula virtual, e enquanto espaço para tessituras de conhecimentos por meio uma aprendizagem interativa e colaborativa, alicerçada na (co)autoria. As propostas elaboradas para os estudantes passaram a ser possibilitadas por meio de videoconferência, plataformas educativas, redes sociais, aplicativos de trocas de mensagens, áudios e vídeos. Podemos pensar que são ações curriculares elaboradas na horizontalidade entre os envolvidos nas plataformas digitais. Deste modo, se recentemente sentíamos determinada resistência com o uso das tecnologias em uma sala de aula física, com discussões sobre o acesso ou

<sup>1</sup> “Programa de educação formal que mescla momentos em que o aluno estuda os conteúdos e instruções usando recursos on-line, e outros, em que o ensino ocorre em uma sala de aula, podendo interagir com outros alunos e como o professor” (STAKER; HORN, 2012 apud VALENTE, 2014, p. 84).

não do celular, por exemplo, neste novo cenário de pandemia, passaram a ser uma necessidade e meio para dar continuidade aos processos de ensino e aprendizagem.

A pandemia revelou novas possibilidades e modos de significar o convívio social, o impacto das tecnologias para mediar as relações educacionais, sociais, políticas, culturais e econômicas. Com o estabelecimento do cenário neoliberal e os avanços cada vez mais claros na educação, as tecnologias não podem ser vistas de forma demonizada, nem tampouco, no cenário pandêmico, de forma salvacionista. As tecnologias estão aí. Elas pertencem ao cotidiano de vida de muitas pessoas ao mesmo tempo que nem sequer chega próximo a outros contextos sociais. Contudo, precisamos estar cientes de que existem intencionalidades e uma carga de valores por detrás dos usos tecnológicos, nos cabe analisar quais, como operam e a quem beneficiam (LIMA *et. al.*, 2020). O fato é que a educação, quando possível, faz uso das tecnologias como artefatos pedagógicos. Por isso, precisamos pensar como podemos colocar em funcionamento essas tecnologias desde um viés público e democrático.

As formas de organização dos sujeitos se modificam com maior velocidade conforme as tendências do mercado e da globalização. Toda a mudança exige novos saberes e aplicações. A universidade brasileira precisará formar profissionais que possam se adaptar a diversos contextos, que possam agir na resolução de inúmeros problemas ao mesmo tempo e que se dividam em mais de uma função. A especificidade do curso deve ser ampliada até problematizações mais amplas. Por isso, repensar o currículo é necessário a partir das demandas dos perfis juvenis, dos saberes dos professores e das formas de organização da sociedade sem romper com a liberdade de cátedra (sala de aula e gestão) e com esferas consolidadas da universidade.

Num contexto capitalista neoliberal fortemente regido por relações de consumo, onde a globalização, as mídias e as tecnologias digitais estão cada vez mais atreladas as relações, aos espaços, aos seres e aos saberes, a universidade precisa auxiliar na construção de um sujeito que possua instrumentais suficientes para encarar o mercado de trabalho de forma efetiva, sujeitos que consigam construir pensamentos complexos, que sejam suscetíveis à adaptação e desafios. Contudo, ao mesmo tempo, formar sujeitos éticos que estejam comprometidos com a construção de uma sociedade democrática e que busquem construir relações saudáveis nos espaços de inserção e circulação.

O ensino híbrido proporciona ao aluno maior autonomia, disciplina, flexibilidade de horários em grande parte das atividades, mas, também, a interação com o grupo nos momentos presenciais. Dessa forma, esse modelo permite aliar inúmeros recursos relacionados à aprendizagem, proporcionando a cada aluno a chance de aproveitar mais os momentos on-line e presenciais (SPINARDI; BOTH, 2018, p. 5).

O rompimento com as metodologias tradicionais de ensino e aprendizagem para as atuais e próximas gerações é urgente. Por isso, pensar a profissão do docente não é tarefa fácil tendo em vista que na relação professor-aluno o primeiro se adapta ao segundo e vice-versa. Ao mesmo tempo que o docente não deve se curvar as imposições do sistema como a manutenção do *status quo*, ele tem que ser minimamente maleável e propenso a mutabilidade para garantir a eficácia do seu ensino. Horn e Staker (2015, p.54) afirmam que “o ensino híbrido é o motor que pode tornar possível a aprendizagem centrada no estudante para alunos do mundo todo, em vez de apenas alguns privilegiados”. Neste cenário é preciso compreender e incorporar as linguagens digitais como condição de possibilidade para autonomia, criando formas de cooperação e ressignificação do conhecimento por meio da aprendizagem. Além disso, estar disposto a dialogar com novas práticas e saberes que são e serão cada vez mais inerentes a sua profissão.

O docente precisa estar preparado para exercer função maiêutica e auxiliar na formação (auto)crítica e consciente do acadêmico, revelando os instrumentais de alienação e apontando caminhos para identificar a estrutura do contexto. A internet vem trazendo novas oportunidades e novos desafios pedagógicos para as universidades. Deste modo, é necessário aprender a gerenciar



ambos os espaços (presencial e EaD) de forma que consiga equilibrá-los e integrá-los de forma criativa. O espaço presencial precisa ser aberto ao diálogo e interações, onde os acadêmicos desenvolvam atividades práticas que enriqueçam e ampliem as atividades a distância. Os espaços a distância, por sua vez, precisam complementar a experimentação presencial (MORAN, 2004). Por isso, repensar os espaços, os currículos e, sobretudo, a prática docente se torna fundamental em tempos de mudanças, rupturas, cisões e desenvolvimento de novas formas de ensinar e aprender.

## Considerações Finais

A adaptação das aulas presenciais para as aulas virtuais, atividades assíncronas e síncronas, aderência para artefatos de edição de vídeos, etc., foi agregada nas rotinas dos docentes sem reflexões aprofundadas sobre suas demandas, meios e ressonâncias no exercício pedagógico durante a pandemia causado pelo Novo Coronavírus (COVID-19). Conforme os dados do tempo atual e, projetando os próximos anos a partir das contingências da pandemia, é necessário analisarmos e desenvolvermos formas criativas e eficientes para discutir, articular, formar e informar o acadêmico. O âmbito acadêmico precisa estar pautado sob aspectos da autonomia e flexibilização com o intuito de formas cidadãos conhecedores, pensantes e articuladores de saberes imprescindíveis tanto para o mercado quanto para a sociedade. Os docentes, precisam estar atentos aos perfis juvenis e estar sempre buscando atualização e novos modos de ensinar.

O desenvolvimento de uma educação eficaz perpassa a preparação do docente. O Ensino Híbrido serve de ponte e método de ensino e aprendizagem sem se desvincular da importância prática das interações humanas e saberes inerentes a presença física. No entanto, para que sejam incluídos nos currículos e nos espaços escolares, convém a todas as instâncias formativas estarem atentas para as distintas lógicas de pensar em projetos, no sentido de ampliar as condições de interação e fazer brotar os projetos das necessidades de cada sistema de ensino. Na verdade, a tecnologia por si só não define os rumos da sociedade e da educação, apesar de ser um meio de expressão humana e parte integrante do seio da cultura, na figura das pesquisas e informações, pois, seguidamente, é supervalorizada nas instituições de ensino (HABOWSKI, 2019). As experiências e questões recentes indicam que “a tecnologia, isoladamente, não é uma solução mágica para os problemas da educação, mas quando aliada à prática social e à interação humana pode contribuir para a (re)construção coletiva de aprendizagens” (HABOWSKI, 2019, p. 103).

Cada vez mais, as tecnologias têm revolucionado a vida humana por conta do poder inscrito na mobilidade informacional, da conexão instantânea e ubíqua (SANTAELLA, 2019). O Ensino Superior, precisa então, ser pensada e situada no espaço-tempo em que vivemos e não descontextualizada, buscando sempre refletir as contingências necessárias para a práxis educativa. Aliar aspectos consolidados da didática e da pedagogia com os artefatos digitais cria um mecanismo lúcido e flexível de educação no Ensino Superior que pode auxiliar na construção da real democracia. O impacto dessas problematizações auxilia no rompimento do estigma com as produções populares, triviais e cotidianas, bem como pode potencializar as práticas educativas formais e os currículos escolares, ampliando as discussões no campo do Ensino Híbrido no Ensino Superior.

## Referências

BACICH, L.; MORAN, J. Aprender e ensinar com foco na educação híbrida. **Revista Pátio**, n. 25, jun. 2015, p. 45-47.

BACHIC, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F, de M. (Orgs.). **Ensino Híbrido: personalização e Tecnologia na Educação**. Porto Alegre: Penso. 2015.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BELLONI, M. L. **Educação a distância**. Campinas: Autores Associados, 2012.

BRASIL. IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua** - Tecnologia da Informação e Comunicação 2016. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 16 nov. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 4.059 de 10 de dezembro de 2004**. Trata da oferta de disciplinas integrantes do currículo que utilizem modalidade semi-presencial, com base no art. 81 da Lei n. 9.394, de 1.996, e no disposto nesta Portaria. 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 343/2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19, 2020.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: USP, 2008.

CANEVACCI, M. **Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DUARTE, G.; QUINTANA, S. M. **Infecção pelo Coronavírus SARS-CoV-2 em obstetrícia**. Enfrentando o desconhecido! Disponível em: <https://www.febrasgo.org.br/pt/noticias/item/948-infeccao-pelo-coronavirus-sars-cov-2-em-obstetricia-enfrentando-o-desconhecido>. Acesso em 24 maio 2022.

HABERMAS, J. **Técnica e ciência como ideologia**. Lisboa: Dom Quixote, 1994.

HABOWSKI, A. C. **Teoria crítica da tecnologia e educação: desafios contemporâneos**. 2019.153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade La Salle, Canoas, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unilasalle.edu.br/bitstream/11690/1249/1/achabowski.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2020.

HABOWSKI, A. C.; CONTE, E.; JACOBI, D. F. Interlocuções e discursos de legitimação em EaD. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, p. 1-20, 2019. DOI: 10.1590/s0104-40362019002701365.

HERMANN, N. **Hermenêutica e educação**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2002.

HORN, M. B.; STAKER, H. **Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

LIMA, L. C. V. da S. *et. al.* Confinar a experiência escolar num ecrã? **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 41, p. 1-4, 2020. DOI: 10.1590/es.240846.

MORAN, J. M. Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias. **Revista Dialogo Educacional**, Curitiba, v. 4, n. 12, p.13-21, maio/ago. 2004.

MORAN, J. M.. Educação Híbrida: um conceito-chave para a educação hoje. In: BACHIC, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. de Me. (Orgs.). **Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015 p. 27-45.

NETO, E. B.. O ensino híbrido: processo de ensino mediado por ferramentas tecnológicas. **Ponto e Vírgula** - PUC-SP, n. 22, p. 59-72, jul./dez. 2017.

RODRIGUES, L. A. **Uma nova proposta para o conceito de blended learning: Interfaces da Educação**,

Paranaíba, v. 1, n. 3, p. 5-22, 2010.

SANTAELLA, L. **A Pós-Verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2019.

SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias de currículo.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

SPINARDI, J. D.; BOTH, I. J. Blended Learning: o ensino híbrido e a avaliação da aprendizagem no ensino superior. **B. Téc. Senac**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 1, jan./abr. 2018.

TAPSCOTT, Don. **Growing up digital: The Rise of the Net Generation.** New York, McGraw-Hill, 1997.

VALENTE, J. A. Blended Learning e as mudanças no ensino superior: a proposta da sala de aula invertida. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 4, p. 79-97, 2014.

Recebido em 29 de dezembro de 2020.

Aceito em 14 de março de 2022.